

Precisamos de lideranças de fato

Por **Murillo de Aragão** - 20 de março de 2020



Foto: Adriano Machado/Reuters

A crise joga no limbo os incapazes e exalta os competentes

O Brasil começava o ano satisfeito, com prognósticos de crescimento. Então, a pandemia de coronavírus, tal qual um cisne negro que surge do nada, destruiu as expectativas. Em meio a nossos prosaicos e provincianos problemas, a maioria

deles do século passado, o mundo jogou sobre nós um desafio de imensas proporções. Lamentavelmente, até bem pouco tempo atrás, essa questão não era tratada com a necessária seriedade. Quando o surto da doença emergiu, em janeiro, aqui mesmo nestas páginas, antecipei o gigantesco desafio que seria enfrentá-lo. Afirmei que as boas perspectivas econômicas para 2020 tinham de ser revistas. Mas não houve, infelizmente, o vido engajamento da sociedade e do governo para evitar que a chegada da Covid-19 fosse amenizada.

De certa forma, nenhuma medida significativa foi tomada até bem depois do Carnaval. O Brasil oficial estava mais preocupado com disputas orçamentárias do que com a ameaça de uma pandemia. Apenas quando a longa mão da peste atingiu os escalões oficiais o tema, enfim, mudou de patamar. Enquanto o Brasil ruminava mover o gasto público para destravar o crescimento, a economia americana, a mais liberal do mundo e profundamente endividada, abria os cofres para evitar uma recessão. Lembrando que nos Estados Unidos existe apenas cerca de 4% de desempregados.

“A lição que o governo americano sempre dá é abrir os cofres públicos para a economia não parar”

A lição que o governo americano sempre dá nos momentos de crise é abrir os cofres públicos para não deixar a economia parar. Para o Brasil a crise do coronavírus é, potencialmente, mais intensa do que o 11 de Setembro de 2001 e a crise de Wall Street de 2008.

respostas que o setor público tem de dar ao desafio do coronavírus devem ultrapassar, em muito, os 147 bilhões de reais anunciados no início da semana passada. A declaração de amadurecimento pública é apenas mais um passo. A liberação de recursos para os aposentados e os mais vulneráveis é paliativa. Precisamos irrigar a economia com crédito e dar tempo ao contribuinte para pagar taxas e impostos, bem como realizar a compra de equipamentos médicos e remédios, numa escala nunca vista no país. Mas, sobretudo, é necessário ter liderança. O presidente da República tem de conduzir o combate à epidemia junto com os governadores, e estes com os prefeitos. O interesse da coletividade deve prevalecer sobre as picuinhas políticas. O diálogo entre as esferas dos poderes precisa ser imediato e efetivo. O Judiciário e o Legislativo devem dar respaldo às medidas a ser implementadas de forma ágil pelo Executivo. Recentemente, em uma boa iniciativa, resolveram criar uma espécie de fast track para remover entraves burocráticos à compra de equipamentos e remédios. O STF precisa dar garantia às decisões emergenciais que serão adotadas.

Compartilhe

Murillo de Aragão

Murillo de Aragão é advogado, jornalista, professor, cientista político e presidente da Arko Advice Pesquisas e sócio fundador da Advocacia Murillo de Aragão. É Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Distrito Federal (UniCEUB), é mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília e doutor em Sociologia (estudos latino-americanos) pelo Ceppac – Universidade de Brasília. Entre 1992 e 1997 foi pesquisador associado da Social Science Research Council (Nova York). Foi membro do “board” da International Federation of the Periodical Press (Londres) entre 1988 e 2002. Foi pesquisador da CAPES quando doutorando no CEPAC/UnB. É membro da Associação Brasileira de Ciência Política, da American Political Science Association, da International Political Science Association, da Ordem do Advogado do Brasil (Distrito Federal) e do IBRADE - Instituto Brasileiro de Direito Eleitoral. Foi membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República (2007 - 2018). Como membro do Conselho, foi chefe de delegações do organismo na Rússia , BRICs e Comunidade Européia. Como palestrante e analista político, Murillo de Aragão proferiu mais de duas centenas de palestras, nos últimos 20 anos, em Nova York, Miami, Londres, Edimburgo, São Francisco, San Diego, Lisboa, Washington, Boston, Porto, Buenos Aires, Santiago, Lima, Guatemala City, Madrid, Estocolmo, Milão, Roma , Amsterdã, Oslo, Paris, entre outras, para investidores estrangeiros sobre os cenários políticos e conjunturais do Brasil. Aragão lecionou as matérias “Comportamento Político” e “Processo Político e Legislação” no

Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília. Foi professor visitante da Universidad Austral, Buenos Aires e consultor do Banco Mundial. É professor-adjunto da Columbia University (Nova York) . Em 2017, foi convidado para ser professor-adjunto na Columbia University (Nova York) onde leciona a cadeira “Sistema Político Brasileiro”. É autor e autor do seguintes livros: Grupos de Pressão no Congresso Nacional (Maltese, 1992), 'Reforma Política – O Debate Inadiável (Civilização Brasileira, 2014) e Parem as Maquinas (Sulina, 2017). É colunista de opinião da revista Isto É, e do jornal, O Estado de São Paulo.
